

A SENSIBILIDADE DA ESCRITA DE GENI GUIMARÃES: UMA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA COMO FERRAMENTA DE DENÚNCIA DO COTIDIANO DE MULHERES NEGRAS

Israela Rana Araújo Lacerda
Universidade Federal da Paraíba

rannabasilio20@outlook.com

Resumo

As teorias decoloniais, surgidas nas últimas décadas, buscam estudar a literatura com um viés não hegemônico, ou seja, espaços para o estudo das literaturas consideradas marginalizadas na historiografia literária. Em conjunto com algumas vertentes do feminismo, que enfatizam questões específicas das vivências das mulheres, inclusive, negras, como chamado feminismo negro ou decolonial, até a crítica afro-feminista, enraizados no Brasil a partir de 1970, observa-se a viabilização de mulheres escritoras afrodescendentes, que possuem seus discursos marginalizados pelos processos canônicos oriundos da herança colonial escravista. Sendo assim, nosso estudo foca na figura de Geni Guimarães, escritora afro-brasileira contemporânea, e seu conto “Força Flutuante”, presente no livro “Leite do Peito” (2001). Assim, o objetivo, embasado nas teorias literárias de vertentes decoloniais, é analisar o conto refletindo como o racismo, o preconceito e a subalternidade da mulher negra são inseridos. Dessa maneira, por meio dos arcabouços teóricos de Ribeiro (2019), González (2020), Hollanda (2020) entre outros, denunciaremos, tendo como ferramenta social, a literatura negra de autoria feminina.

Palavras-chave: Autoria Feminina; Geni Guimarães; Literatura; Teorias Decoloniais.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Israela Rana Araújo Lacerda

Graduanda em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa em Antropologia Literária GEAL/CNPq/UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa Christine de Pizan (CNPq/UFPB). Foi bolsista da Extensão: "Mulheres em cena: protagonismo das mulheres na cultura popular", 2020/2021 - 2021/2022 (PROEX-UFPB) vinculado ao Núcleo de Documentação e Pesquisa da Cultura Popular (NUPPO). Foi bolsista no Programa de Apoio às Licenciaturas (PROLICEN-UFPB), no projeto: "Cantos da ancestralidade: efeitos humanizantes do cancionário popular" (2022). Atualmente é bolsista da extensão: Cultura Literária na Escola: para ler, ouvir, ver e sentir (2022-atual). Revisora de textos como a redação dissertativa argumentativa do ENEM na plataforma Juntos na Redação - Prof. Beto Redação. Monitora e Corretora na Assessoria de Redação e cursos: Argumentar - Itaporanga - PB, (2021-atual). Demonstra interesse nas áreas de Literatura de Autoria Feminina, Cultura Popular Feminina, Feminismo Decolonial, Crítica Feminista, Teoria do Efeito Estético, Ensino de Literatura e Literatura Juvenil.



lattes.cnpq.br/0960339942659834



orcid.org/0000-0002-7798-8374

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

A SENSIBILIDADE DA ESCRITA DE GENI GUIMARÃES: UMA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA COMO FERRAMENTA DE DENÚNCIA DO COTIDIANO DE MULHERES NEGRAS

Israela Rana Araújo Lacerda
Universidade Federal da Paraíba
(rannabasilio20@outlook.com)

INTRODUÇÃO

As teorias decoloniais, surgidas nas últimas décadas, buscam estudar a literatura com um viés não hegemônico, ou seja, espaços para o estudo das literaturas consideradas marginalizadas na historiografia literária. Em conjunto com algumas vertentes do feminismo, que enfatizam questões específicas das vivências das mulheres negras, como o chamado feminismo negro ou decolonial, até a crítica afro-feminista, enraizados no Brasil a partir de 1970, observa-se a inviabilização de mulheres escritoras afrodescendentes, que possuem seus discursos marginalizados pelos processos canônicos oriundos da herança colonial escravista e debruçam-se sobre questões como racismo e opressão patriarcal, associando gênero na intersecção com as categorias de raça, classe, religiosidade, etc.

Nesse contexto, Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães são alguns nomes de escritoras brasileiras de maior destaque, nos quais estudiosos/as vêm se debruçando e analisando em suas narrativas e poéticas uma construção política de características identitárias próprias na representação das mulheres negras, a partir de seus lugares de fala (RIBEIRO, 2019). Dessa forma, entre as escritoras citadas, trataremos aqui de Geni Guimarães, ou melhor, Geni Mariano Guimarães, escritora, professora, ativista, ficcionista, poeta, entre outros aspectos. O conto “Força Flutuante”, *corpus* de nossa análise, advém de um dos livros mais conhecidos da autora que apresenta um caráter autobiográfico: *Leite do peito* (2001). É a partir da figura da professora protagonista que procuramos compreender, através do olhar de Geni, como a realidade, muitas vezes, velada, está colocada no cotidiano de mulheres negras vítimas de uma sociedade patriarcal, misógina e racista.

Sendo assim, nosso estudo tem por objetivo, embasado nas teorias literárias de vertentes decoloniais, analisar o conto como uma narrativa de denúncia, refletindo como o

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

racismo, preconceito e subalternidade da mulher negra são inseridos, além de tudo, o olhar sensível de Geni Guimarães. Dessa maneira, por meio dos arcabouços teóricos de Ribeiro (2019), González (2020), Hollanda (2020) entre outros, denunciaremos, tendo como ferramenta social, a literatura negra de autoria feminina, as resistências de povos que até os dias atuais sofrem pelo olhar alheio ao seu protagonismo e espaço, independentemente de sua cor.

UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL E 'AFEMIPODERADA' SOBRE A LITERATURA

Não há como falar em Geni Guimarães sem falar sobre as correntes decoloniais e pensamento feminista e, sobretudo, a literatura de autoria feminina. Isso porque a escritora é a prova viva de uma literatura que evidencia os conflitos sociais e humanos à margem da sociedade, resistindo e propagando os valores dessas correntes de maneira literária e artística.

O pensamento decolonial no Brasil emergiu a partir do século XIX quando pensadores, pesquisadores das Universidades começaram a pensar na lógica colonial nas relações contemporâneas, assim escritoras como Lélia González, Heloísa Buarque de Hollanda, Djamilia Ribeiro, entre outras, questionam a lógica da colonização presente no que elas chamam de decolonialidade, sinônimo de pensar e fazer questionamentos que problematizam as histórias e ideologias advindas do poder procedente da Europa. Assim, quando se fala em pensamento decolonial, ambas as autoras afirmam ser uma corrente que se desprende de uma lógica de um único mundo possível (lógica da modernidade capitalista) e se abre para uma pluralidade de vozes e caminhos. “Trata-se de uma busca pelo direito à diferença e a uma abertura para um pensamento-outro” (GONZÁLEZ, 2020, p. 84).

O grande diferencial desses estudos é a construção dos conceitos de colonialismo e colonialidade, o eixo da passagem dos estudos pós-coloniais para os decoloniais. Enquanto o colonialismo denota uma relação política e econômica de dominação colonial de um povo ou nação sobre outro, a colonialidade se refere a um padrão de poder que não se limita às relações formais de dominação colonial, mas envolve também as formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade de viés racial. (HOLLANDA, 2020, p. 18)

Ou seja, o colonialismo é uma relação de poder e dominação de uma nação sobre a outra, exemplo: colonização brasileira feita pelos portugueses; já a colonialidade é um padrão de poder — reverberado do colonialismo — que não somente se limita a relações de política,

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

econômica, como também as próprias relações sociais entre os seres humanos que reverberam as ideias coloniais, como: racismo, superioridade de uma nação sobre a outra, preconceito, estereótipos etc. Dentro desse pensamento, várias correntes tiraram inspiração e fundamentação teórica para consolidar suas ideias, duas dessas correntes são o feminismo decolonial e a literatura de autoria feminina, pois são correntes protagonizadas por sujeitos que expressam a realidade de um grupo fora do espectro eurocêntrico, isto é, mulheres, escritoras, negras ou não que lutam contra o pensamento opressor e ecoam suas ideias através das suas obras. Nas palavras de Hollanda (2020),

O feminismo decolonial [...] propõe uma revisão epistemológica radical das teorias feministas euro centradas, o que inclui o fim da divisão entre teoria e ativismo, característica de nossos feminismos desde sempre [...] A consciência da violência e opressão dos processos colonizadores faz surgir um campo de reflexão com o qual o feminismo passa a dialogar. (HOLLANDA, 2020, p. 15)

Isso significa que o gênero é o elemento estruturante da colonialidade, ou melhor, o feminismo decolonial denuncia a imbricação estrutural das noções de heteronormatividade, classificação racial e sistema capitalista, a partir do pressuposto de que somente as teorias feministas eurocêntricas não dão conta de suprir a totalidade de mulheres, que não se sentem representadas por ele.

O feminismo decolonial acontece quando a mulher se apropria do seu próprio corpo e discurso para consolidar seu lugar. Logo, segundo Hollanda (2020), um caminho possível em busca de uma perspectiva decolonial brasileira seria uma análise radical da especificidade da questão de nossa mestiçagem, priorizando suas implicações em termos dos processos constitutivos das desigualdades sociais. Isso justifica o que Hollanda diz:

É a chamada do movimento que aposta na arte, parceria, ancestralidade, poética, identidade, terapêutica, empreendedorismo, companheirismo, enaltecimento, memória e continuidade. Esses são os valores que constroem o feminismo periférico de mulheres reais. Como se vê acima, o valor político da memória e da arte ganha a cena nas periferias [...]. (HOLLANDA, 2020, pp. 30-31)

É a partir daí que surge, dentro dessas artes e culturas, uma forma de propagar tal corrente, ou seja, a literatura como recurso político e transformador é cada vez mais avançada nos ativismos e nos espaços solidários periféricos. Dessa forma, a Literatura de Autoria Feminina, por ser escrita por mulheres, que contam suas vivências e histórias é, também, um

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

recurso transformar e esclarecedor do lugar da mulher negra. “Assim, a narrativa de autoria feminina desestabiliza os velhos discursos que não se constituem em novas imagens e não reforçam as mudanças da vida cotidiana. As conquistas femininas sugerem a literatura como uma manifestação artística e social [...]” (ESSER, 2014, p. 16).

Assim, por meio do discurso, as mulheres conseguem projetar a imagem que têm de si próprias e do meio onde vivem, revelando ideias e ideologias muito particulares, que se diferenciam da escrita masculina por apresentarem uma subjetividade inédita dentro da literatura brasileira. Especificamente, em se tratando da escrita de mulheres negras, como é caso de Geni Guimarães, o feminismo decolonial e esse tipo de literatura — da qual ela é atuante — se torna ainda mais significativa, pois escancara os conflitos, realidade e resistência de sujeitas negras em busca do seu espaço em uma sociedade movida, infelizmente, pela lógica da colonialidade. Ela realiza o que Djamila Ribeiro (2021) chama de lugar de fala, aquele que possibilita um olhar sobre as experiências dos corpos subalternizados, valorizando o lugar comum, compreendido como local social que atravessa as experiências coletivizadas desses corpos, assim é quando se reconhecem os contextos discursivos nos quais os indivíduos e a própria pessoa de fala estão inscritos, como também abrir espaço para que diversas vozes sejam ouvidas e levadas a sério.

Geni concretiza-se como uma voz dentro da literatura de autoria feminina e realiza seu lugar de fala ao evidenciar a realidade, através da literatura como ferramenta político-sociocultural — não só dela, mas de diversas mulheres vítimas dessa práxis. Conceição Evaristo, também escritora brasileira, afirma que os textos afro-brasileiros, escritos por sujeitas negras é a personificação de um Brasil, ainda, opressor e asensível; logo, enfatiza a importância de registros escritos desses(as) indivíduos(as), “afirmando um contradiscurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitas negras na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (CONCEIÇÃO, 2009, p. 25).

Logo, ela afirma que só as mulheres negras sabem, verdadeiramente, narrar os conflitos do seu grupo, por isso a crucialidade da representação e disseminação dessas obras para refletir sobre questões cotidianas que assolam tais mulheres, pois, segundo Casarin (2021), a melhor sujeita para descrever o cotidiano das mulheres é a própria mulher. Assim, a obra de Geni perpetua uma singularidade estupenda, vista a sinceridade em que a autora representa as suas ancestralidades, vivências, conflitos e resistência expressando seus fortes, resilientes e assertivas personagens femininas, especificamente no conto que será analisado *Força Flutuante*, no qual há um rompimento do estereótipo de professora que, na maioria das vezes, é associada à figura de uma mulher branca, associação essa advinda do pensamento decolonial citado anteriormente. Sendo assim,

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Geni em um ramo nobre, embora desprestigiado atualmente, pode despertar nele a vontade de vencer e conquistar, apesar de sua condição socioeconômica, um bom lugar no mundo considerado dos brancos pelos próprios méritos. Pelo viés da evolução social do negro. (LIMA, 2009, p. 2)

A SENSÍVEL “FORÇA FLUTUANTE”, DE GENI GUIMARÃES

Tais considerações nos fazem perceber a força das narrativas ‘genizianas’ nos constructos literários decoloniais e nas literaturas de autoria feminina através do seu conto Força Flutuante. Tal narrativa mostra a primeira experiência de uma professora negra, recém-formada na sua primeira oportunidade de emprego em uma escola majoritariamente frequentada por crianças, pais e corpo escolar de cor branca. Assim que se inicia o conto se observam as reflexões denunciadoras de um cotidiano racista: “Conseguí numa escola uma substituição para o ano todo: dar aulas numa classe de primeira série que **havia sobrado**, pois as professoras efetivas no cargo já haviam optado por alunos maiores e em processo de alfabetização mais avançado.” (GUIMARÃES, 2001, p. 101, grifo nosso). Continuando a narrativa, no mesmo trecho:

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, **suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas cochichavam e me despiam com intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão, “para simples conferência”.** (GUIMARÃES, 2001, p. 101, grifo nosso)

Geni, nas primeiras linhas, denuncia a vivência de mulheres negras que buscam um melhor espaço na sociedade e, infelizmente, são discriminadas devido à raça, cor, sexo, logo, limitando suas possibilidades de ascensão. Ora, se mulheres são subjugadas simplesmente pela sua condição étnica e racial, coloca-se em cena a democracia racial na qual González (2020) afirma ser um mero Mito da Democracia Racial.

Enquanto o **mito da democracia racial** funciona nos níveis público e oficial, o branqueamento define os afro-brasileiros no nível privado e em duas outras esferas. Numa dimensão consciente, ele reproduz aquilo que os brancos dizem entre si a respeito dos negros e constitui um amplo repertório de expressões populares pontuadas por imagens negativas dos negros. (GONZALEZ, 2020, p. 153, grifo nosso)

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Essa democracia é quebrada a partir do fato de que a professora fica com o ‘que sobra’ na escola. Veja que falar, logo nas primeiras palavras, a expressão ‘havia sobrado’ é algo que Geni, com certeza, utiliza de uma força simbólica, visto que, na história do país, e em uma percepção racista, segundo Grada Kilomba (2019), o sujeito negro torna-se aquilo com que o sujeito branco não quer se relacionar. Assim, segundo a autora, há uma negação que é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial. O sujeito negro torna-se aquilo com que o sujeito branco não quer se relacionar; logo, colocando-o na posição marginal — como ocorre com a professora, em todos os âmbitos sociais possíveis, o que é lamentável. Quando, por exemplo, observamos situações, em pleno século XXI, que reverberam o pensamento colonial, chamado de colonialidade, que, nas palavras de Hollanda (2020),

[...] a colonialidade se refere a um **padrão de poder** que não se limita às relações formais de dominação colonial, mas envolve também as formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade de viés racial. (HOLLANDA, 2020, p. 18, grifo nosso)

Hollanda afirma que a colonialidade é a persistência do pensamento colonial nas relações contemporâneas, isto é, discriminar, desqualificar, subjugar e desvalorizar alguém utilizando da lógica mental e social da colonização. Vejamos que é justamente isso que acontece no conto da autora, a professora, ao chegar ao colégio, já é colocada ‘no seu devido lugar’, visto que, através dos olhares da diretora e das mães, a professora é vítima de uma colonialidade clara, há uma desqualificação da sua posição profissional, mesmo antes de ela entrar em sala de aula. Assim, há um pensamento vindo das personagens ao acreditar que a professora, por ser negra, não tem nada a oferecer ou não possui capacidade para altos papéis ou lugares sociais, isto é, ensinar e educar.

Continuando a narrativa, a professora entra em sala e, imediatamente, passa por outra situação constrangedora. Uma aluna descrita como clara e linda chora ao ver a figura da professora e diz:

— **Eu tenho medo de professora preta** — disse-me ela, **simples e puramente**

[...] — O que aconteceu? — Era a diretora, **que devido ao policiamento chegou na hora h.**

Contei-lhe o ocorrido e ela prontamente achou a solução:

— Não faz mal. Eu a coloco na classe de outra professora de primeira. (GUIMARÃES, 2001, pp. 101-102, grifo nosso)

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

O interessante da cena é presenciar uma criança com tal afirmação. Dessa forma, escancara tudo que já falamos anteriormente, o mito da democracia racial e a colonialidade. Assim, mesmo que seja um tipo de racismo não consciente, mas sim pelo meio no qual a criança já está inserida, descrito pela própria autora como ‘simples e puramente’, a criança, infelizmente, é condicionada pelo seu meio social a pensar dessa maneira.

Diante disso, ela já é “educada” a crer que pessoas com tonalidades de pele escura são atreladas a coisas ruins, provocam sentimento de medo. Isso mostra que a sociedade ensina, desde cedo, sobretudo as famílias, a difundir os estereótipos arcaicos, racistas e limitantes da figura negra no país, principalmente, a mulher que é duas vezes oprimida, por ser mulher — advindo de uma cultura patriarcal e misógina — e negra — de uma cultura racista e preconceituosa, dificultando a ascensão social dessas sujeitas. Confirmando o que Leila Gonzalez (2020) fala: “Quanto à minoria de mulheres negras que, nos dias de hoje, atingiram níveis mais altos de escolaridade, o que se observa é que, apesar de sua capacitação, a seleção racial se mantém. **Não são poucos os casos de rejeição**” (GONZALEZ, 2020, p. 49, grifo nosso).

González (2020) já enfatiza a rejeição sofrida, cotidianamente, por essas mulheres que são vítimas não só da misoginia, como de uma ideologia do embranquecimento, não oferecendo credibilidade necessária para mulheres intelectuais negras e, quando oferecem, necessitam que essas indivíduos provem e reafirmem suas capacidades, como acontece com a professora do conto, quando ela cita os olhares de reprovação, onde só lhe restava mostrar o seu diploma de formação para provar sua formação.

Adiante, a professora procurar mediar a situação e provar, mais uma vez, que poderia tornar-se uma figura “amigável” para tal criança, através de uma estratégia de aproximação com ela em sala de aula, ao pedir que ela cuide de sua bolsa: “Ela sentou-se na minha **cadeira**, seu material ao lado do meu. **“Precisei” de uma caneta. Pedi-lhe. Abriu minha bolsa como se arrombasse cofre**, pegou e entregou-me a caneta solicitada. Meio riso na boca” (GUIMARÃES, 2001, p. 103, grifo nosso).

Geni novamente utiliza as palavras certas no momento certo. Vê-se a simbologia da palavra ‘arrombasse’ com a construção da cena. Imagine que estamos lá na sala, no momento em que essa ação acontece, esqueçamos que uma criança ocupa a cadeira, mas sim uma pessoa branca, essa que toma a cadeira da professora negra — sujeito negro —, essa que toma posse do lugar, acomoda-se nele e ainda arromba seus pertences. A simbologia do ato, mediante a palavra, expressa toda uma história colonial que, segundo Cuti (2010), não só do Brasil, mas de todos os países africanos de língua portuguesa que foram, de certa forma, invadidos, corrompidos e subjugados aos seus colonizadores. As mulheres que tiveram seus direitos e dignidade retiradas pelas mãos de seus senhores; logo, ‘arrombar’ é retirar e

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

destruir uma etnia, uma cultura e uma ancestralidade que, até hoje, resiste a esses processos. Isso é justificado por Sousa (2019) quando afirma que:

Para as mulheres negras esse emudecimento foi e continua a ser mais cruel, pois foram invisibilizadas e representadas apenas como corpos criados para o trabalho ou para a atividade sexual, o que ainda acontece na atualidade, mesmo que com menor intensidade. (SOUSA, 2019, p. 108)

A partir desse momento, Geni nos mostra sua sensibilidade para terminar o que o leitor espera, em sua experiência estética com o texto, ser trágico e pesado, de uma forma sutil. A aluna após a aula chama sua professora para conversar:

Amanhã você deixa eu sentar perto da minha prima Gisele? De lá mesmo, eu cuido da bolsa da senhora. **Amanhã eu vou trazer de lanche pão com manteiga de avião, a senhora gosta de lanche com manteiga de avião na lata?**

— Adoro.

— **Vou dar um pedaço grandão pra senhora, tá?**

— Obrigada.

Combinamos.

— Até amanhã! — eu.

— Até amanhã! — ela. (GUIMARÃES, 2001, p. 104)

Ao final do conto, a autora, através de sua personagem, expressa o poder de resiliência da professora frente à situação, ao aproximar-se da aluna e quebrar a visão dela sobre sua cor, ao oferecer espaço e confiança a sua aluna, ela retribui de forma recíproca e promete trazer um lanche para professora na aula seguinte, esta que confirma gostar bastante da proposta. Diante disso, é preciso enfatizar que, embora a professora pudesse ter encontrado medidas legais para os atos sofridos, ela, como educadora, *a priori*, resolve desconstruir o ideal racista enraizado na sua aluna. Através de situações cotidianas e reais como a do conto *Força Flutuante*, observamos como essas literaturas, dos sujeitos que vivenciam essas violências e escrevem sobre elas mudam os estereótipos e impactam a vida do seu leitor.

Está aí a importância dessas literaturas de autoria feminina mediadas por pensamentos decoloniais, pois retiram o seu leitor de um lugar cômodo e provoca-o, de modo a obter um pensamento empático e político-social, exercitando sua alteridade. É isso que Esser (2014) fala quando afirma que as palavras dessas correntes teóricas e literaturas são: “Identidade, sentido, diferença e mudança, são algumas das palavras que, por ora, norteiam a

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

teoria feminista acerca da literatura de autoria feminina em território brasileiro (Esser, 2014, p. 18). A simplicidade e não elaboração da narrativa de Guimarães (2001), isto é, contar as coisas como de fato elas são, sem romantizar os fatos, também sensibiliza, mas simultaneamente critica ao mostrar como atos tão graves ocorrem de maneiras tão banais. Logo, ao sensibilizar, também denuncia, visto que mostra a sociedade como ela é, infelizmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ideias e das relações levantadas, é possível estabelecer um laço entre as teorias decoloniais e sua influência sobre outras vertentes importantes, como feminismo decolonial, literatura negra de autoria feminina, entre outras. Assim como essas vertentes também consolidaram tal pensamento; logo, uma relação recíproca.

Com isso, a literatura escrita sobre e por mulher é de crucial importância, haja vista que mulheres negras enxergam suas vivências, além de proporcionar que outras gerações também tenham contato. Logo, ao se (re)conhecerem nas histórias, fica também nítida a significativa catarse da própria(o) leitora(o).

Geni Guimarães, em *Força Flutuante*, aborda a abertura de espaço à professora negra, porém expressa que ainda há resistência de uma grande parcela da sociedade brasileira racista e preconceituosa que teima em não aceitar a sua permanência na escola como docente, mesmo que demonstre isso apenas de uma forma velada. Assim, Geni expõe uma narrativa sensível, através do caráter resiliente da professora — representante dessas várias mulheres, mas também denunciadora do cotidiano de sujeitas negras na sociedade em que são desqualificadas pessoal e profissionalmente devido à sua cor.

Não somente isso, mas mostra também o poder de educar e disseminar educação, ou seja, através do poder de um educador se quebra — como visto no conto — um pensamento colonial, esse que se relaciona à posição da professora negra dentro da escola. Com isso, a literatura de Geni se mostra não só em *Força Flutuante*, mas em todo o *Leite do Peito*, é sensível e forte, singela e realista, tocante, revolucionária e resistente. Sendo assim, colocar em destaque escritoras que representam uma ancestralidade e representam uma classe proporciona uma criticidade de pensar e refletir sobre tais comportamentos racistas sofridos pela personagem no conto.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

Referências

- CASARIN, Jéssica. Literatura de Autoria Feminina Contemporânea e Resistência: o mulherio das letras. **Rev. Humanidades e Inovações**, v. 8, n. 38, pp. 307-321, 2021.
- CUTI, S. L. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**: Belo Horizonte, v. 13, n. 25, pp. 17-31, 2009.
- ESSER, C. Débora. Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória. In: **Revista Línguas e Letras**: Unioeste, v. 5, n. 30, pp. 1-18, 2014.
- GUIMARÃES, Geni. **Leite do Peito: contos**. Mazza Edições: Belo Horizonte, 2001.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. **Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LIMA, S. O. O feminino negro em Leite do Peito, de Geni Guimarães. In: **XII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES PALAVRA E CULTURA NA AMÉRICA LATINA: IDENTIDADE(S) LATINOAMERICANA(S): OS EFEITOS DE UMA HERANÇA E OS NOVOS DESAFIOS DA SOCIEDADE ATUAL** - UNB: Brasília. 2009.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SOUSA, S. F. Literatura afro-feminina brasileira: uma forma de combate ao silenciamento e ao racismo. **Rev. Outras Modernidades (Di nuove e vecchie schiavitù)**, pp. 107-121, 2019.

Enviado em: 16/12/2021

Aprovado em: 22/09/2023

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

THE SENSITIVITY OF GENI GUIMARÃES'S WRITING: A LITERATURE BY FEMALE AUTHORS AS A TOOL TO DENOUNCE THE EVERYDAY LIFE OF BLACK WOMEN

Israela Rana Araújo Lacerda
Universidade Federal da Paraíba

(rannabasilio20@outlook.com)

Abstract

Decolonial theories, which emerged in recent decades, seek to study literature with a non-hegemonic bias, that is, spaces for the study of literatures considered marginalized in literary historiography. In conjunction with some strands of feminism, which emphasize specific issues of the experiences of women, including black women, as called black or decolonial feminism, up to the Afro-feminist critique, rooted in Brazil from 1970 onwards, it is possible to observe the viability of women Afro-descendant writers, whose discourses are marginalized by the canonical processes arising from the slave-holding colonial heritage. Therefore, our study focuses on the figure of Geni Guimarães, a contemporary Afro-Brazilian writer and her short story "Força Flutuante", present in the book "Leite do Peito" (2001). Thus, the objective, based on literary theories of decolonial aspects, is to analyze the tale as reflecting how racism, prejudice and subalternity of black women are inserted. In this way, through the theoretical frameworks of Ribeiro (2019), González (2020), Hollanda (2020) among others, we will denounce, having as a social tool, black literature by female authors.

Keywords: Female Authorship; Geni Guimaraes; Literature; Decolonial Theories.

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------

**LA SENSIBILIDAD DE LA ESCRITURA DE GENI GUIMARÃES: UNA LITERATURA DE AUTORAS
COMO HERRAMIENTA DE DENUNCIA DEL COTIDIANO DE LAS MUJERES NEGRAS**

Israela Rana Araújo Lacerda
Universidade Federal da Paraíba

(rannabasilio20@outlook.com)

Resumen

Las teorías decoloniales, surgidas en las últimas décadas, buscan estudiar la literatura con un sesgo no hegemónico, es decir, espacios para el estudio de literaturas consideradas marginadas en la historiografía literaria. En conjunción con algunas corrientes del feminismo, que enfatizan cuestiones específicas de las experiencias de las mujeres, incluidas las negras, como se denomina feminismo negro o decolonial, hasta la crítica afrofeminista, arraigada en Brasil a partir de 1970, es posible observar la viabilidad de las escritoras afrodescendientes, cuyos discursos son marginados por los procesos canónicos derivados de la herencia colonial esclavista. Por lo tanto, nuestro estudio se centra en la figura de Geni Guimarães, escritora afrobrasileña contemporánea y su cuento “Força Flutuante”, presente en el libro “Leite do Peito” (2001). Así, el objetivo, basado en teorías literarias de aspectos decoloniales, es analizar el cuento como reflejo de cómo se insertan el racismo, el prejuicio y la subalternidad de las mujeres negras. De esta forma, a través de los marcos teóricos de Ribeiro (2019), González (2020), Hollanda (2020) entre otros, denunciaremos, teniendo como herramienta social, la literatura negra de autoras mujeres.

Palabras-clave: Autoría femenina; Geni Guimarães; Literatura; Teorías decoloniales.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n. 3	1-14
----------------------------	-------------	-------	------	------